

# Representações do desejo feminino em *O primo Basílio* (1878)

Isabela Pinheiro

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

## RESUMO

O intuito da pesquisa é realizar uma breve análise acerca da temática do desejo como direcionador de condutas das personagens Luísa e Leopoldina na obra *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós (1845-1900). Percebemos que como o comportamento feminino foi construído a partir de imposições sociais, sobretudo por conta de doutrinas cristãs, às mulheres não era permitido agir de acordo com suas vontades e elas deviam ter recato e decência em seus atos. A partir disso, veremos que Eça detalha suas personagens para exemplificar como uma mulher era vista socialmente quando guiada pelo seu desejo, principalmente o sexual, e qual a consequência desse comportamento. Para embasar as análises, utilizar-se-ão considerações sobre o texto queirosiano, realizadas por Sérgio Nazar David (2007) e Marli Fantini Scarpelli (2005), e sobre a posição social das mulheres, vistas nos estudos de Irene Vaquinhas (2000) e Michelle Perrot (2003). Dessa forma, será possível tecer um esboço atinente à representação das mulheres portuguesas do século XIX; e analisar como a obra de Eça é de grande relevância para a literatura do Portugal oitocentista.

**Palavras-chave:** Desejo feminino, Século XIX, Literatura Portuguesa, Eça de Queirós.

## Representations of female desire in *O Primo Basílio* (1878)

### ABSTRACT

The purpose of this research is to conduct a brief analysis of the theme of desire as a driver of the behavior of the characters Luísa and Leopoldina in Eça de Queirós' work *O Primo Basílio* (1878). We perceive that, as female behavior was constructed based on social impositions, especially due to Christian doctrines, women were not allowed to act according to their own desires, and they were expected to exhibit modesty and decency

in their actions. Based on this, we will examine how Eça portrays his characters to exemplify how a woman was socially perceived when guided by her desires, especially sexual ones, and what the consequence of such behavior was. To support the analysis, considerations about Queiroz's text made by Sérgio Nazar David (2007) and Marli Fantini Scarpelli (2005) will be used, as well as insights into the social position of women as seen in the studies of Irene Vaquinhas (2000) and Michelle Perrot (2003). In this way, it will be possible to outline a relevant representation of Portuguese women in the 19th century and analyze how Eça's work holds great significance for 19th-century Portuguese literature.

**Keywords:** Female Desire, 19th Century, Portuguese Literature, Eça de Queirós.

#### The **Author**

Isabela Pinheiro é graduada em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atualmente é mestranda em Literatura Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL - UERJ), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Sua área de pesquisa é a literatura portuguesa oitocentista, especificamente com foco no autor Eça de Queirós.

## INTRODUÇÃO

O século XIX é uma época complexa na qual a sociedade prega diversos códigos aos homens e mulheres, sendo assim, determinados comportamentos são tidos como adequados dentro do meio social. Da mesma maneira que na contemporaneidade, o período oitocentista estava rodeado pela forte presença do Cristianismo – principalmente em Portugal. A religião era muitas vezes considerada como norteadora de condutas, ou seja: boas atitudes levariam o indivíduo ao céu, do contrário, ele estaria em pecado e seu único destino seria o inferno. Dentro desses padrões a serem seguidos, a discrição e o decoro são primordiais, e uma pessoa que ignora essas regras pode virar alvo de diversas críticas.

Sabemos que todos esses preceitos determinados pelo corpo social são muito mais rígidos quando direcionados ao público feminino. Diversos códigos sempre foram impostos às mulheres, desde a educação até os trajés vistos como adequados para elas, logo, ao se tratar do desejo feminino, a complexidade da situação aumenta. Como a mulher deveria sempre ser recatada, pois, segundo Irene Vaquinhas (2000, p. 15) “a discrição é . . . a regra de ouro e a qualidade mais apreciada”, o desejo, sobretudo o sexual, era rechaçado pela sociedade, de maneira que uma mulher agindo consoante suas vontades era vista sob um olhar negativo pelos outros indivíduos. Dessa forma, a pressão social era ainda maior, e as mulheres eram educadas para serem boas esposas e conseguirem um casamento vantajoso financeiramente. Sobre isso, Michelle Perrot, em seu texto *Os silêncios do corpo da mulher*, afirma:

A educação, pelo contrário, que é a formação dos bons hábitos e produz boas esposas, mães e donas de casa, parece essencial. As virtudes femininas de submissão e silêncio, nos comportamentos e gestos cotidianos, são centrais nela. E, acima de tudo, o pudor, a honra feminina do fechamento e do silêncio do corpo. A mocinha, essa

personagem criada pelo século XIX ocidental, devia ser pura como um lírio, **muda em seu desejo**. (Perrot, 2003, p. 22, grifos nossos).

Com isso, numa sociedade em que a decência é tida como um pilar norteador, as mulheres – principalmente as solteiras – são impedidas de seguir seus anseios, pois devem obedecer às regras de condutas adequadas para serem vistas e tratadas como pessoas de respeito. Para que isso aconteça, o desejo pessoal torna-se nulo, e as moças devem ter

Recatos nas palavras, nos gestos, nas múltiplas formas de expressão. Às futuras damas de sociedade, 'as meninas que todos os dias saem das Salésias e congéneres estabelecimentos de educação', **os manuais do bom-tom aconselhavam a 'modéstia', a 'timidez' e o 'pudor'**, assim como a evitarem a 'afectação' e a 'ostentação vaidosa'. (Vaquinhas, 2000, p. 15, grifos nossos).

Assim, é construída sobre a mulher a visão de que ela não poderia expressar seus desejos porque estaria subjugada à vontade do outro, do homem. Conforme afirma Michelle Perrot (2019, p. 66), "a sexualidade consentida, e mesmo exigida, é conjugal", logo, o desejo sexual deveria ser inexistente e apenas restrito ao meio matrimonial: as mulheres só podem desejar se forem casadas, o sexo é exclusivo de seus maridos; qualquer coisa contrária a isso resulta na desgraça, no pecado, na tragédia – cenários recorrentes também no meio literário.

Ao trazer essa perspectiva para a obra do autor português Eça de Queirós (1845-1900), percebemos que, ao retratar os vícios da sociedade portuguesa oitocentista, principalmente da burguesia, é recorrente a presença do desejo como impulsionador de atitudes nos personagens queirosianos. Além disso, percebe-se que há a todo tempo uma espécie de conflito entre desejo versus moral, devido aos paradigmas do Cristianismo instituídos no meio social: o que é bom e puro vem da

Igreja, todo o oposto é pecado e, conseqüentemente, leva o indivíduo à decadência. Seguindo esse raciocínio, o amor ideal é o casto, virginal, inocente; o desejo sexual (fora do matrimônio), pelo contrário, é indecente, repulsivo e nocivo. Deve ser combatido, pois, afinal, é um pecado e ninguém quer ser pecador ou transgredir as sagradas regras cristãs.

Um exemplo no texto de Eça que demonstra o desejo associado ao pecado está na atitude do personagem Carlos Eduardo, d'*Os Maias* (1888), quando diz ser “um impotente de sentimento, como Satanás” (Queirós, 2017, p. 194), em razão de não amar nenhuma das mulheres com quem se envolve, mas apenas as desejar. Isso para ele é um grande problema, já que “segundo os padres da Igreja, a grande tortura de Satanás é que não pode amar. . .” (*Idem*). Portanto, amar é uma virtude e está de acordo com o prescrito pela Igreja, mas apenas desejar alguém é uma maldição. Conforme mencionado, a sociedade oitocentista, educada sob a ótica do Cristianismo, jamais aceitará o envolvimento entre duas pessoas sem a presença do amor, especialmente no que diz respeito às mulheres.

A partir dessa perspectiva, temos duas personagens de Eça de Queirós que são movidas pelo desejo durante a narrativa e ilustram o pensamento do corpo social português sobre essa questão; são elas: Luísa e Leopoldina, d'*O primo Basílio* (1878).

### **LUÍSA: O EMBATE ENTRE O DESEJO E A MORAL**

Luísa é uma jovem lisboeta enquadrada nos moldes da educação tradicional portuguesa, pois se casou e vive basicamente em sua casa, tendo como distração a literatura romântica. Sobre essa caracterização da personagem que vive restrita ao meio doméstico, Irene Vaquinhas (2000, p. 16) afirma que “para ambas, no entanto, ‘senhoras e mulheres’, o século XIX reservou espaços e papéis semelhantes: a casa e a vida familiar e doméstica”. Além disso, Luísa representa o que Eça de Queirós mais criticava nas mulheres portuguesas: a apatia, o tédio e a incapacidade de encarar

determinadas situações do cotidiano; assim, ela “não tem coragem p’ra nada: começam as mãos a tremer-lhe, a seccar-se-lhe a bocca. . . **É mulher, é muito mulher!** . . .” (Queiroz, 1878, p. 59-60, grifos nossos). Porém, estimulada pelas fantasias lidas em seus romances e pelas suas vontades íntimas, a personagem desejava viver uma vida diferente da que possuía e almejar sensações que seu marido, Jorge, nunca lhe daria.

Percebemos a excitação de Luísa quando ouvia em sua casa as histórias contadas por Leopoldina sobre os amantes: ela “costumava escutar, toda interessada, as maçãs do rosto um pouco envergonhadas, pasmada, saboreando, com um arzinho beato. Achava tão curioso!” (Queiroz, 1878, p. 25). Aqui, nota-se o interesse da personagem pelas aventuras da amiga, que possuía uma vida contrária à sua apatia vivida diariamente. Além disso, as moças precisavam conversar em segredo, pois sabiam que esse tipo de diálogo não era bem visto pela sociedade e também por Leopoldina possuir uma má fama na vizinhança, não sendo bem-vinda por Jorge na residência. Logo, a discrição era imprescindível quando duas mulheres conversavam sobre seus desejos, principalmente ao envolver o adultério.

Desse modo, fica claro que as vontades de Luísa iam para além da sua realidade matrimonial: ela queria ter contato com o dinheiro, com a infidelidade, com as coisas vistas como desvios sociais. E é nesse ponto que Basílio aparece. Ele carrega consigo novidades que Jorge não possui, por ser um homem viajado, possuir aparentemente uma ótima condição financeira e saciar o desejo sexual da jovem – o qual provavelmente não era despertado pelo marido por conta de sua vida maçante. Por isso, Luísa encontrou no adultério a melhor forma de satisfazer suas fantasias e ambições. Entretanto, Luísa não amava Basílio e reconhecia isso:

E ella mesmo, por fim? Amava-o, ella? Concentrou-se, interrogou-se... Imaginou casos, circumstancias: se elle a quizesse levar para longe, para França, iria? Não! Se por um acaso, por uma desgraça enviuvasse, antevia alguma felicidade casando com elle? Não!

Mas então!... E como uma pessoa que destapa um frasco muito guardado, e se admira vendo o perfume evaporado, ficou toda pasmada de encontrar o seu coração vazio. (Queiroz, 1878, p. 295).

Portanto, vemos que a moça apenas cobiçava sexualmente o primo e não pensava em nenhuma relação formal com ele. Porém, como as mulheres do século XIX não tinham liberdade para exercer seus desejos, sobretudo os sexuais, deveria haver algo que justificasse essa vontade, então o amor era essa espécie de “álibi”. Com isso, Luísa aparenta amar Basílio quando na realidade apenas almeja conquistar realizações pessoais não obtidas com Jorge: o contato com o dinheiro e a satisfação sexual.

Luísa sabe que, caso sua atitude se tornasse pública, não seria bem vista pela sociedade e admite – ao menos no momento em que sente raiva de Basílio – seu erro ao trair Jorge: “Um sentimento de vergonha, de remorso, uma compaixão terna por Jorge, tão bom, coitado!” (Queiroz, 1878, p. 297). Além disso, a moça também reconhece que o seu envolvimento com Basílio deu-se não só pela apatia de sua vida, mas também pelo seu desejo, isto é, pela vontade de possuir um amante, satisfazer-se sexualmente e ter contato com uma realidade diferente, não pelo amor. E como os ideais dominantes sobre o pudor feminino eram extremamente rigorosos, Luísa se envergonha ao confessar seu desejo carnal:

O que a levára então para elle?. . . Nem ella sabia; **não ter nada que fazer, a curiosidade romanesca e morbida de ter um amante, mil vaidadesinhas inflamadas, um certo desejo physico...** E sentira-a por ventura, essa felicidade, que dão os amores illegitimos, de que tanto se falla nos romances e nas operas, que faz esquecer tudo na vida, affrontar a morte, quasi fazel-a amar? Nunca! Todo o prazer que sentira ao principio, que lhe parecera ser o amor – vinha da novidade, do saborzinho delicioso de comer a maçã prohibida, das condições do mysterio do *Paraiso*, **d'outras**

**circunstancias talvez, que nem queria confessar a si mesma, que a faziam corar por dentro!** (Queiroz, 1878, p. 295-296, grifos nossos).

Entretanto, mesmo com o conflito interno entre o desejo e a moral, a personagem continua se envolvendo com o primo; isso sugere que o desejo é indestrutível e nada tem a ver com a moral imposta socialmente. Assim, Eça mostra como Luísa cede ao desejo e “avança no território do adultério não porque quis (afinal está visto que ela não suportava querer o que desejava), mas sim porque isto fazia parte do seu desejo.” (David, 2007, p. 36-37).

Desse modo, diversas vezes havia um pensamento propagado socialmente de que desejar alguém que não o marido era gravíssimo em todos os níveis sociais, e a esposa que cometesse essa transgressão sofreria consequências pelos seus atos; entretanto, essa forma de pensar estava passando por mudanças, tanto que a presença do “adultério elegante” era cada vez mais comum na sociedade. De modo que, do ponto de vista de diversos indivíduos, Luísa deseja, conseqüentemente peca e tem de ser punida, por essa razão, seu final deveria ser apenas um: a morte. Esse é o destino visto, muitas vezes, pelo meio social como adequado para as infiéis – não é à toa que no drama *Honra e Paixão*, escrito pelo personagem Ernestinho, a personagem adúltera tem um desfecho fatal, e todos os homens reunidos na casa de Luísa concordam com esse desenlace da narrativa, inclusive Jorge, o qual diz, inicialmente, ser “inteiramente pela morte” da mulher infiel, por ser um “princípio de família”. Depois que descobre a traição de Luísa, contudo, Jorge muda de ideia.

Com esse detalhamento de ações dos personagens, especialmente de Luísa, Eça de Queirós expõe por meio da literatura realista-naturalista que o ser humano possui vícios do corpo, e estes sempre estão em um embate com a moral, contrariando os ideais de perfeição romântica e do homem como um sujeito sem defeitos. Dessa forma, agora há uma virada de chave para mostrar o outro lado humano – o dos vícios. Entretanto, a sociedade não aceita esses desvios de conduta.



Como uma forma de retratar o pensamento social, Eça faz com que Luísa sofra as consequências de sua escolha, e o ciclo da jovem termina com sua morte.

## **LEOPOLDINA E O DESPRENDIMENTO DOS PRECEITOS SOCIAIS**

Outra personagem queirosiana que também transgride as regras sociais é Leopoldina, amiga íntima de Luísa. Conhecida como Pão e Queijo devido à fama negativa de seu pai, a jovem possui um casamento fracassado e, por isso, se envolve com diversos amantes publicamente; dessa forma, a personagem é vista como uma devassa pois não segue as condutas adequadas para uma mulher, sobretudo uma mulher casada. Leopoldina, ao contrário de Luísa, não tenta esconder seus desejos ou fingir que tem uma relação conjugal perfeita. Ela

Era muito indiscreta, fallava muito de si, das suas sensações, da sua alcova, das suas contas. Nunca tivera segredos para Luiza; e na sua necessidade de fazer confidencias, de gozar a admiração d'ella, descrevia-lhe os seus amantes, as opiniões d'elles, as maneiras d'amar, os *tics*, a roupa, com grandes exagerações! Aquillo era sempre muito picante, cochichado ao canto d'um sophá, entre risinhos . . . (Queiroz, 1878, p. 25).

Então, a personagem satisfaz suas vontades e apresenta um comportamento polêmico, pois deixa explícita sua opinião contra as imposições às mulheres da época, como, por exemplo, os preceitos matrimoniais. Esse tipo de conduta é vista como inaceitável para o público feminino, uma vez que naquela sociedade as mulheres não poderiam gozar de liberdades sexuais. De acordo com David (2007, p. 34), “tudo está preparado para que neste sistema, onde o sexual não deveria ter um lugar, e onde a razão deveria ser absoluta, tudo está rigorosamente preparado para que nenhum desejo se manifeste.”. Assim, quando há uma contramão desse pensamento e ocorre a manifestação do desejo feminino, a mulher é condenada, e por essa razão Leopoldina é depreciada pelos homens daquele meio social.

Além de adúltera, Leopoldina possui o vício do cigarro e não quer ter filhos. Colaborando ainda mais para a desmoralização de sua imagem, ela se contrapõe aos preceitos sociais burgueses que intentam moldar a mulher perfeita. Para os padrões sociais da época, esperava-se que uma mulher uma exímia dona de casa, boa mãe, dotada de habilidades como bordado e costura, que soubesse tocar piano para entreter as visitas, cuidasse do marido e fosse submissa a ele. Em contrapartida, qualquer situação contrária a essas características colaboraria para a criação da visão da mulher como indecente e, conseqüentemente, ela não seria respeitada na sociedade, como acontece com a personagem. Sendo assim, Leopoldina tem uma péssima fama na cidade, e todos acham seu comportamento inadequado. Ainda, ela não é vista como uma boa companhia para nenhuma mulher, principalmente para as casadas; em vista disso, Jorge proíbe Luísa de se encontrar com a amiga, alegando ser por causa “dos vizinhos” e “da decência”.

Leopoldina reconhece a impossibilidade de uma mulher na sociedade oitocentista exercer suas vontades e sabe que não tem os mesmos direitos dos homens, por isso diz que “Os homens são bem mais felizes que nós! Eu nasci para homem! O que eu faria!” (Queiroz, 1878, p. 218) e que “Um homem póde fazer tudo! Nada lhe fica mal!” (*Ibidem*). Desse modo, a personagem contesta diversos paradigmas tidos como inquestionáveis, como as imposições acerca do casamento, da maternidade e da religião. Mesmo ciente da posição que ocupa, se recusa a aceitá-la, portanto, segue seus desejos. Como a própria moça afirma, os deveres a irritavam, e “se havia uma coisa que a fizesse sahir de si – dizia – era ouvir fallar em deveres! . . .” (Queiroz, 1878, p. 221). Isso, quando vindo das mulheres, era visto como uma atitude afrontosa e repreensível pela sociedade, pois o discurso dominante as colocava como inferiores e passíveis de dominação, e nada podia divergir dessa realidade.

Dessa forma, Leopoldina almejava a liberdade masculina, pois sabia que, caso um homem cometesse um adultério ou simplesmente fumasse um cigarro,

possivelmente não sofreria as mesmas consequências de uma mulher. Então, a questão central é: a sociedade não aceita que as mulheres tenham prazer e desfrutem da mesma liberdade dos homens; logo, no intuito de domá-las, é necessário ter algum tipo de pressão psicológica – como a possível ida para o Inferno no caso de transgressões – para padronizar o pensamento social, visando alcançar uma comunidade perfeita e organizada quando, na verdade, há apenas um meio social hipócrita e de aparências. Assim, Eça de Queirós utiliza desse pano de fundo para introduzir suas personagens no ambiente lisboeta, que aparenta ser uma sociedade ideal, mas está longe disso. Conforme afirma Sérgio Nazar David (2007, p. 99-100), “é nesse mundo degradado que o Eros positivista – que reduz o amor aos deveres conjugais e expulsa o desejo (bestialidade) para o campo do pecado – triunfa.”. Por isso, a forma mais fácil de tentar controlar as mulheres era pelo sentimento de culpa e de medo, mesmo sem haver êxito nessa tentativa, pois existiam moças como Leopoldina que ignoravam essas pressões sociais – e Eça mostra, por meio dessa representação, o fracasso desse controle social.

Construída de maneira bastante detalhada, Leopoldina é uma personagem queirosiana que nos permite compreender como o autor representou literariamente a posição da mulher na comunidade portuguesa oitocentista, especialmente no que diz respeito ao desejo como motivador de atitudes. Ela decide não ter filhos para não ser privada das liberdades as quais se permite usufruir, pois “Uma mulher com filhos está inútil para tudo, está atada de pés e mãos! Não ha prazer na vida.” (Queiroz, 1878, p. 219), e diz que “. . . se tivesse essa desgraça parece-me que ia ter com a velha da travessa da Palha!” (*Idem*). Contrariando mais um paradigma social da época, ela deixa claro que abortaria, caso engravidasse. A jovem relembra com deleite suas relações homoafetivas, os *sentimentos*, e que “nunca – exclamou – nunca, depois de mulher, senti por um homem o que senti pela Joanninha! . . .” (Queiroz, 1878, p. 214). Por fim, diz não acreditar no Cristianismo: “e em quanto a religião, historias! . . .”

(Queiroz, 1878, p. 221) porque “Deus, esse, minha rica, está longe, não se ocupa do que fazem as mulheres.” (Queiroz, 1878, p. 222). Além disso, de maneira similar a Luísa com Basílio, Leopoldina também não ama seus amantes e está ciente da impossibilidade de alcançar a felicidade com eles, sendo assim, ela apenas os procura para saciar-se e fugir da sua realidade de um casamento malsucedido:

Luiza disse, animada:

– Pois olha que com as tuas paixões, umas atrás das outras . . .

Leopoldina estacou:

– O que?

– Não te podem fazer feliz!

– Está claro que não! – exclamou a outra. – Mas... – procurou a palavra; não a quiz empregar de certo; disse apenas com um tom secco: – Divertem-me! (Queiroz, 1878, p. 222).

Então, percebemos durante a narrativa que Leopoldina se opõe aos preceitos sociais para satisfazer os vícios de seu corpo porque ela é humana, logo, deseja. Entretanto, contrariamente a Luísa, não se preocupa com a moral, pois sabe que a sociedade onde vive é cheia de desvios, injustiças e hipocrisia, e nem os membros da Igreja – instituição tida como superior e respeitada socialmente – estão esquivados do desejo, considerado pela própria religião como um inimigo do corpo; haja visto o Padre que prometeu a salvação e absolvição dos pecados de Leopoldina apenas caso ela saísse com ele. Dessa maneira, uma mulher falando sobre aborto, homoafetividade, adultério, descrença na religião e desigualdade entre homens e mulheres jamais será aceita numa sociedade dita “de valores”, em vista de a discricão ser um elemento norteador no meio social oitocentista e corresponder a uma moral ou a uma obrigação. Leopoldina age de forma contrária a tudo isso.

Logo, Leopoldina sempre será taxada pela sociedade como uma mulher devassa e transgressora quando, na verdade, só quer realizar seus desejos – da mesma maneira possibilitada aos homens – e se desvencilhar das imposições sociais atribuídas às mulheres, sobretudo àquelas com casamentos infelizes. Em vista disso, o adultério é a única possibilidade vista pela jovem de conseguir uma pequena liberdade.

### **A EVIDÊNCIA DO(S) DESEJO(S) NA ESCRITA QUEIROSIANA**

Vemos que na obra de *Eça de Queirós* há, especialmente na descrição das relações entre Luísa e Basílio, a inserção de uma nova modalidade de escrita que se torna muito polêmica e nem sempre é bem aceita pela sociedade oitocentista: a presença mais explícita do erotismo. Esse campo da sexualidade é uma novidade trazida pelo Realismo-naturalismo e aparece de forma oposta ao Romantismo, pois os textos românticos possuíam mais sutileza e as passagens de teor sexual não ficavam tão evidentes, dependendo da interpretação do leitor para captar as intenções do autor deixadas subentendidas em determinadas cenas. Ao ingressar nas alcovas – ou “devassar alcovas”, como disse o escritor Camilo Castelo Branco – para mostrar também o desejo feminino, *Eça* fez polêmica. A repercussão de *O primo Basílio* foi tamanha e logo virou alvo de diversas críticas, inclusive por parte de Machado de Assis, que se mostra contrário ao erotismo explícito na obra queirosiana, conforme destacado no texto *A recepção crítica de Eça por Machado*, de Marli Fantini Scarpelli:

Outro defeito basilar do livro estaria, para o articulista, na ‘medula da composição’, cujo ‘traço grosso’, sob um ‘tom carregado de tintas’, desenha cenas repugnantes como a do ‘Paraíso’. . . . *O primo Basílio* abusa de um ‘realismo sem condescendência’, que deixa, nessa ‘viva pintura dos fatos viciosos’, ‘um cheiro de alcova’, até chegar à ‘sensação física’. (Scarpelli, 2005, p. 221).

Sendo assim, falar sobre desejo, em especial o das mulheres, era um tema problemático na época devido sobretudo aos preceitos religiosos, considerados inquestionáveis pelo meio social. Na visão do próprio Machado de Assis, a obra queirosiana era uma “viva pintura dos fatos viciosos”, que possuía um “cheiro de alcova”. Esse novo retrato era muitas vezes considerado como algo repugnante pela própria sociedade, justamente por Eça abordar um assunto constrangedor para muitos e mostrar um outro lado humano, o dos desejos. No desenvolvimento de suas personagens e seus respectivos desfechos, Eça caracteriza os costumes e vícios lisboetas, mostrando como estes são atrasados em relação ao resto do mundo. Um exemplo disto é a maneira como Basílio marca essa diferença entre Lisboa e outros países ao criticar diversos costumes portugueses, como a forma de se vestir das pessoas. Dessa forma, Eça de Queirós pretende mostrar a hipocrisia da sociedade que visa impor regras, principalmente às mulheres, quando dificilmente todos as seguem, expondo, assim, as falhas humanas.

Com isso, quando mostra os vícios da sociedade burguesa oitocentista em suas obras, Eça deixa prevalecer o desejo humano em face de outros sentimentos. Em vista disso, não há um casamento perfeito, uma relação conjugal na qual marido e esposa se amam verdadeiramente. Há, na verdade, a presença constante do sexual, do instinto humano, bestial, revelado por meio da excitação em cometer um adultério, por exemplo. A sexualidade n’*O primo Basílio* chocou a sociedade oitocentista devido à forma pela qual foi colocada em toda a obra, seja por meio de uma esposa infiel que se entrega inteiramente ao primo para experimentar novas sensações, ou por uma mulher que possui publicamente diversas relações extraconjugais. Dessa maneira, o romance possui diversas camadas, tirando-o de um lugar-comum e quebrando com os preceitos naturalistas, de modo que

Trata-se, como se pode ver, de não apenas mais um romance de tese no cenário realista-naturalista do século XIX. O *primo Basílio*, desde seu título até o perverso comentário final da personagem homônima, cujo olhar distanciado e farsesco já é estranho a sua própria cultura, é um meta-romance consciente da própria metaficcionalidade, de seu discurso encenado. Romance que, ademais, carrega, no modo de estruturar a forma, a ruptura que exerce em relação à ordem familiar, seja no âmbito da personalidade, seja no da cultura ou no dos paradigmas estéticos tão cristalizados e degradados quando à realidade histórica portuguesa nele encenada. (Scarpelli, 2005, p. 224).

Assim, esse meio social degradado colabora para a manifestação dos diversos vícios; isso pode acontecer, inclusive, para além do âmbito sexual, como é o caso da personagem Juliana, que busca a todo tempo na narrativa diversas formas de ficar rica e saciar sua ambição de se tornar uma senhora. Logo, Eça de Queirós pretende expor que o ser humano é falho, e mesmo quando busca estar de acordo com a moral e os bons costumes, algo acontece para corrompê-lo. Esse algo é o desejo, que será o norteador das atitudes pessoais. Na visão de David (2007, p. 31), “para Eça, o instinto (bestialidade) governa quando os deveres (Consciência) não são suficientemente fortes para deter os vícios (pulsão)”. Com isso, a crítica do texto queirosiano à forma de pensar do povo lisboeta fica bastante explícita quando o autor mostra algumas personagens, sobretudo mulheres, que se deixaram levar pelos desejos, foram contaminadas por um meio social impuro e, por fim, tiveram uma queda em função disso.

Sendo assim, Eça de Queirós utiliza o desejo, principalmente o sexual, como uma forma de expressar as verdadeiras vontades de suas personagens sem haver uma névoa romântica ao redor de suas ações que suavize os comportamentos das mesmas. Essa temática é recorrente em diversas obras do autor: na relação entre Amélia e Amaro, d’*O crime do padre Amaro* (1875), e no romance de Carlos Eduardo

e Maria Eduarda, *d'Os Maias* (1888), para citar alguns exemplos. Dessa forma, a intenção do autor em representar as cenas da vida portuguesa está muito presente em seus textos e perpassa por espaços antes não mostrados pelos escritores do Romantismo, por isso, a ambientação e a caracterização dos ambientes e das pessoas contribuem para a análise das personagens queirosianas ser ainda mais interessante e rica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, podemos traçar um caminho pela construção do pensamento dominante português oitocentista: existem imposições sociais tidas como regras de conduta inquestionáveis e elas são, sobretudo, norteadas pelos ideais religiosos, abominando as vontades do corpo e julgando-as como pecado; essas normas são muito mais rigorosas para as mulheres, ditando o que elas devem ou não fazer e como devem se comportar. Isso posto, qualquer pessoa que se deixasse levar pelo desejo – principalmente do sexo feminino – estaria fadada ao pecado e à tragédia, uma vez que se contra os princípios e conseqüentemente abala a ordem e a estrutura social. Entretanto, o ser humano é composto de falhas e, por isso, cede às suas vontades, mas tenta esconder esse sentimento para fingir fazer parte do corpo social perfeito. Desse modo, há uma falsa ilusão de sociedade ideal, pois a realidade é diferente daquilo que o discurso dominante tenta construir.

É possível, então, analisar o retrato literário dessas questões por meio do conflito vivenciado pelas duas personagens destacadas d'*O primo Basílio*, de Eça de Queirós. Leopoldina já possui uma reputação negativa por conta do pai e isso é acentuado pelas suas relações extraconjugais, as quais não tenta esconder; com isso, o comportamento da moça é visto pela sociedade sob um olhar extremamente crítico. Luísa, por sua vez, para fingir ter um casamento ideal, deve se comportar socialmente como uma esposa perfeita e seguir todos os códigos sociais para não haver



desconfiança sobre o adultério e, conseqüentemente, não ser vista pelos outros da mesma maneira que Leopoldina. Dessa forma, ambas as mulheres são movidas pelo desejo: Luísa quer satisfazer-se sexualmente e ser rica, posto que não possui isso em sua realidade cotidiana; Leopoldina, por possuir um casamento fracassado, não pretende seguir as amarras matrimoniais e busca aproveitar a vida ou, até mesmo, ter a mesma liberdade de um homem.

Entretanto, como “o prazer feminino é negado, até mesmo reprovado e tido coisa de prostitutas” (Perrot, 2003, p. 16), o desejo não deve existir para além do leito conjugal; quando há o contrário disso, como é o caso de Luísa, a morte é uma forma de punição por não ter seguido as obrigações matrimoniais, deixando-se envolver com outro homem e merecendo, portanto, morrer. Já Leopoldina busca a liberdade, mesmo sabendo dos efeitos de seu comportamento; ela não vive a vida apática de Luísa, mas, em contrapartida, tem uma péssima reputação na sociedade. Com isso, ambas as personagens possuem destinos negativos e sofrem as conseqüências por satisfazerem suas vontades – uma morre e a outra é rechaçada socialmente –, como se fosse uma lição de moral para as mulheres que tivessem a mesma atitude e optassem por ceder às ambições do corpo. Portanto, há os dois lados da mesma moeda: a possibilidade de se deixar levar pelo desejo e o que será alcançado ao ter essa atitude.

Com isso, percebemos a maneira pela qual Eça de Queirós desenvolve a temática do desejo feminino n’*O primo Basílio* e a exemplifica principalmente por meio de duas personagens, Luísa e Leopoldina, as quais representam mulheres que decidem seguir suas ambições e ir contra as imposições sociais. A partir disso, notamos a forma pela qual o autor detalha as atitudes da comunidade burguesa lisboeta, mostrando como uma sociedade hipócrita e degradada se comporta no período do século XIX, posto que, afinal, os vícios do ser humano se sobrepõem às exigências

sociais e, conseqüentemente, as vontades do corpo imperam acima dos preceitos morais.

Dessa maneira, encerramos o presente estudo com a análise realizada por Sérgio Nazar David acerca da questão central da obra de Eça de Queirós, explicitando como *O primo Basílio*

aborda uma perturbação na vida de uma mulher cuja mola propulsora é – sejamos francos – o sexual. Isto está ali, mas ao mesmo tempo parece que não está, porque vem com outras roupagens. Parece que é acima de tudo uma crítica à sociedade, uma ironia mordaz de um escritor que espera quase nada do mundo e dos homens, uma crítica ao romantismo – mas tudo isso é pouco diante do que está no fundo mais fundo desse livro. O que está no centro de alguns dos mais importantes romances de Eça - sobretudo *O primo Basílio*, *O crime do padre Amaro* e *Os Maias* – é o desejo sexual. (David, 2007, p. 38).

## REFERÊNCIAS

- David, S. N. (2007). *O século de Silvestre da Silva, vol. 2: Estudos queirosianos*. 7Letras/FAPERJ.
- Perrot, M. (2019). *Minha história das mulheres* (2 ed.). Contexto.
- Perrot, M. (2003). "Os silêncios do corpo da mulher". In M. S. Maria Izilda, & S. Rachel (Orgs.), *O corpo feminino em debate* (pp. 13-27). Editora UNESP.  
[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_actio n=&co\\_obra=17934](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_actio n=&co_obra=17934).
- Scarpelli, M. F. (2005). "A recepção crítica de Eça por Machado". In F. Ana Maria et al, *Verdade, amor, razão, merecimento: coisas do mundo e de quem nele anda* (pp. 213-225). Editora da UFPR.
- Queiroz, E. (1878). *O primo Bazilio*. Livraria Chardron. <http://purl.pt/11>.
- Queirós, E. (2017). *Os Maias: Episódios da Vida Romântica*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Vaquinhas, I. (2000). "Senhoras e mulheres" *na sociedade portuguesa do século XIX*. Edições Colibri.